Nau Literária: crítica e teoria de literaturas • seer.ufrgs.br/NauLiteraria
ISSN 1981-4526 • PPG-LET-UFRGS • Porto Alegre • Vol. 10 N. 01 • jan/jun 2014
Dossiê: Teorias do Processo Criativo

Escritores brasileiros e seus textos: processos de criação literária

Ewerton de Freitas Ignácio[*]
Émile Cardoso Andrade[**]

Resumo: Por meio da referência ao modo como alguns escritores brasileiros se dedicam à atividade de escrita e revisão de seus textos, bem como ao modo como lêem e tecem comentários críticos sobre algumas obras de outros autores, este trabalho tem por finalidade promover algumas reflexões sobre o processo de criação literária, buscando evidenciar que se trata de uma atividade que, embora apresente desafios, deve ser desmistificada, já que se afigura como algo que apresenta desafios e dificuldades a todos os que se aventuram pelo universo da escrita literária.

Palavras-chave: Literatura brasileira; escritores e poetas brasileiros; criação literária.

Abstract: Through reference to how some Brazilian writers engaged in the activity of writing and revising their texts and how to read and weave some critical comments on works by other authors, this paper aims to promote some reflections on the process of literary creation, seeking to prove that it is an activity which, although presenting difficulties, is something that should be debunked, since it seems like something that presents challenges to all who venture into the world of literary writing.

Keywords: Brazilian literature; Brazilian writers and poets; literary creation.

> *É claro que todo escritor tem uma responsabilidade, não digo que com sua época, mas talvez consigo mesmo: a responsabilidade de escrever.*
>
> J.J. Veiga.

1 Introdução

As pesquisas e estudos dedicados ao livro, ao seu futuro em meio às revoluções tecnológicas e ao papel da leitura frente a esse contexto estendem-se por inúmeros âmbitos. Ao tomar conhecimento dessa discussão, sente-se a falta de relacionar toda essa questão de assimilação de novas informações e culturas (seja por meio do livro, do *e-book* ou da *internet*)

[*] Doutor em Literatura Brasileira (UNESP) com estágio pós-doutoral em Literaturas de Língua Portuguesa (UNESP). Docente de Pós-Graduação da UEG-Anápolis. Desenvolve, com fomento do CNPq, pesquisas sobre a representação do campo e da cidade na literatura brasileira. Coordenador do Subprojeto PIBID/Letras na UEG-Anápolis.
[**] Doutora em Literatura Brasileira pela UnB. Docente no curso de Letras da UEG - Formosa. Desenvolve pesquisas, com fomento do CNPq, nas áreas de Literatura e Cinema.

com o papel da escrita e da capacidade de desenvolvimento de uma forma de expor ideias e com isso compreender melhor o mundo e a sociedade em que vivemos.

Há muitos e extensos debates sobre o livro (BORNHEIM, 2000), sejam os que se atêm à sua condição de veículo de histórias e realidades culturais, sejam os que têm por escopo a análise de suas relações com novas formas de disseminação de textos (CHARTIER, 1998). Bárbara Freitag (2000) entende o suporte livro como um possível transformador da situação político-social em que se encontra a maioria do mundo (não informatizada). Esses são alguns dos estudos que tomam o livro como tema e objeto de discussão e análise. Tendo como preocupação não o livro como constructo, mas como o fruto de um processo de criação, este trabalho objetiva aludir a algumas questões caras ao processo de criação literária, por meio da referência à atividade de escrita de alguns escritores da literatura brasileira, com suas peculiaridades, entraves, embates e eventuais dificuldades.

Nesse sentido, é válido afirmar que nossa proposta, neste breve trabalho, se debruça sobre algumas questões atinentes ao ato de escrever. Decidimos considerar a posição não do indivíduo que lê ou toma contato com o livro de forma eventualmente passiva, mas daquele que mantém relações mais estreitas com o papel e que se vale dele para escrever e publicar, dando a conhecer, ao mundo, o seu texto.

Acreditamos que ao nos referirmos ao modo como alguns escritores concebem o processo de escrita de suas obras e como trabalham para tornar a escrita possível, possa haver um tipo de desvendamento da escritura, o que pode contribuir para desmitificar a produção do texto literário e revelar que não somente o "gênio artístico" ou o indivíduo inspirado possa escrever bem, mas, sim, qualquer ser humano que se proponha a tal feito.

Dessa forma, julgamos interessante conhecer algumas das peculiaridades de alguns escritores da literatura brasileira no tocante à questão do ato de escrever, sendo esta a proposta deste trabalho: tentar promover uma reflexão sobre o ato de escrever e suas implicações a partir das ideias de alguns escritores sobre a sua própria escrita e a do outro.

Nosso *corpus* de análise resulta de reflexões de alguns escritores já consagrados, sejam poetas, sejam romancistas e contistas. Para tanto, nos valemos da leitura de coletâneas de correspondência entre autores como Manuel Bandeira, Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade e também de entrevistas com Raduan Nassar, Adélia Prado, Jorge Amado, Nélida Piñon e Clarice Lispector, dentre outros.

2 Os processos de escrever: reflexões mais comuns aos nossos escritores

O produtor de texto está sempre atento a inúmeros aspectos da escrita no momento em que está escrevendo: colocar as ideias em seus determinados lugares, ordenar períodos de forma lógica e coerente, expor e argumentar sobre pontos de vista, reler os trechos já escritos a fim de fazer correções, alterações e acréscimos. Todas estas preocupações rodeiam a cabeça do escritor quando trabalha. Além dessas questões, a escolha do momento adequado para a escrita e as intenções do escritor quando se dispõe a produzir um texto são problemas a serem resolvidos pelo autor.

Visando retratar algumas vertentes dessas preocupações acerca da escrita, a coletânea de trechos que segue abaixo tenta elucidar algumas questões em torno do processo de escrever, procurando demonstrar que todo escritor – até mesmo os mais consagrados – possui, de certa forma, os mesmos empecilhos na hora de expor suas ideias e de circunstanciá-las no papel.

3 O procedimento da escrita

Todo escritor que se preze procura sempre refletir a respeito dos seus procedimentos de escrita, ou seja, sobre a maneira como organiza suas ideias na hora de criar e organizar o texto. Nesse sentido, realizamos uma coletânea de trechos de cartas e entrevistas de autores brasileiros em que essa preocupação com o procedimento está explícita. Numa espécie de metalinguagem, esses trechos permitem que adentremos no método de escrita de cada autor a cujo fazer literário aqui se aludirá.

Em uma carta a Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto tece comentários sobre um poema que escreveu sobre a Espanha e que havia sido inspirado no poema “Bicho” de Manuel Bandeira: “procurei uma expressão direta e dura a respeito da qual gostaria de ouvi-lo” (MELO NETO *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 238).

O mesmo Cabral, em carta escrita para Carlos Drummond de Andrade, afirma não se satisfazer com a maneira como está escrevendo sua carta e tenta se explicar descrevendo em que contexto escreve o texto da correspondência:

> Esse troço ficou muito mal explicado. Mas tenho que escrever entre um telegrama a cifrar e passaportes a assinar ao mesmo tempo que ouço um casal de brasileiros caídos de avião, que há meia hora me quer dar a entender que deseja trocar dinheiro no câmbio negro sem coragem de confessar claramente. Desculpe a correria do bilhete este.
>
> (MELO NETO *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 38).

Nota-se, por parte do autor de *O cão sem plumas*, uma busca da expressão perfeita, para o que ele chega a buscar inspiração na obra de Bandeira. Além disso, também se nota uma preocupação quanto à clareza daquilo que escreve, não só em termos de poesia, mas também de correspondência, o que permite entrever que mesmo um autor consagrado passa por alguns momentos de indecisão, de busca, nem sempre satisfeita, por uma expressão que julgue a ideal, a mais clara e certeira.

Em entrevista, Raduan Nassar fala da contribuição que os tempos de jornalista lhe deram quanto ao procedimento de escrever:

> Agora, do ponto de vista da escrita, a redação me impôs certo rigor de procedimento. Uma coisa era a palavra numa lauda, outra coisa era a mesma palavra já impressa. [...] Coisas assim me levaram, como responsável pelo jornal e redator, a uma leitura mais atenta dos textos, era preciso pesar cada palavra.
>
> (*Cadernos*, num. 2, 1996, p. 24).

Em outro momento da entrevista, Nassar fala sobre como procede com o trabalho formal com a palavra: "Trabalhei um pouco com sons, grafias, sintaxes, pontuação, ritmo, etc. Se em função disso cheguei às vezes a violentar a semântica de algumas palavras, por outro lado trabalhava também com aquelas coordenadas em função do significado" (*Cadernos*, num. 2, 1996, p. 24).

Adélia Prado, também em entrevista para os *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles, afirma que "poesia não é algo que eu crio com as palavras: sento e falo 'Agora com essas palavras vou criar isso e aquilo'. As palavras me servem na medida em que dão carne a uma experiência anterior" (*Cadernos*, num. 9, 2000, p. 23).

Tanto para Raduan Nassar quanto para Adélia Prado, a linguagem se constitui não somente como um território a ser enfrentado, explorado, mas como o próprio território da realidade vivida, um mistério cuja decifração encontra eco em coisas que o escritor já vivenciou.

Posicionamento um tanto diferente é o de Carlos Drummond de Andrade, em cujo poema "Procura da poesia" deixa vislumbrar o reino das palavras como um reino de entes algo adormecidos, à espera de que seus mistérios sejam desvelados pelo poeta, cujo trabalho é o de adentrar esse reino à procura de vocábulos que sirvam ao seu fazer poético: "Chega mais perto e contempla as palavras/ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra/ e te pergunta, sem interesse pela resposta/ Pobre ou terrível, que lhe deres:/ Trouxeste a chave?" (DRUMMOND, 1989, p. 41).

4 A releitura

A releitura daquilo que se escreve é um dos métodos mais utilizados por todo produtor de literatura preocupado com a coerência e o estilo de sua escritura. Nossos escritores mais consagrados também possuíam essa preocupação, já observada atentamente no trabalho de Lucília Garcez, que afirma que a releitura é um "procedimento que perpassa o processo total de escrita" (GARCEZ, 1998, p. 28).

João Cabral de Melo Neto escreve a Drummond e ao final afirma não ter relido a carta e, consequentemente, não fez alterações, não cortou nem acrescentou nada às primeiras ideias: "A verdade é que a releio [a carta] agora e para não adiá-la mais uma vez, mando-a assim mesmo" (MELO NETO a*pud* SÜSSEKIND, 2001, p. 181). Note-se o certo incômodo – como um tipo de escusa – que a falta de uma nova leitura causa no poeta.

O mesmo acontece em carta a Mário de Andrade endereçada a Manuel Bandeira. A (suposta) falta de coerência e de linearidade é justificada por Mário pela falta de revisão, afinal, o escritor nem releu a correspondência: "Está claro que nem releio esta [carta]. Dê um beijo no Getúlio e cá estou sempre o vosso. Mário." (ANDRADE a*pud* MORAES, 2000, p. 467). Em outra carta, a mesma justificativa ao final: "Bom agora basta de carta. Você se arranje para ler isto que não corrijo nada. E me abrace. Mário. (ANDRADE a*pud* MORAES, 2000, p. 474).

Essas anotações ao final de suas cartas permitem vislumbrar uma preocupação, por parte de Mário de Andrade e de João Cabral, quanto à maneira pela qual seus textos seriam lidos. Nesse sentido, são uma justificativa para aspectos que pudessem ser considerados como eventuais deslizes cometidos.

J. J.Veiga também é um escritor em cujo trabalho criativo se nota uma forte preocupação com a reescrita de seus textos, sendo os originais reelaborados a cada leitura. Quanto a esse aspecto revisional, o autor de *Sombras de reis barbudos* afirma o seguinte:

> As minhas primeiras versões são meros rascunhos, frases lançadas para ocupar o papel e me dar uma ideia aproximada da dimensão do texto. Na primeira versão eu não me esforço muito para encontrar as palavras certas. Terminada a primeira versão, eu já tenho um roteiro sobre o qual trabalhar. Deixo descansar alguns dias, que podem ser uma semana, cinco dias, um mês, dependendo da minha disposição – ou da minha preguiça [...]. Às vezes reescrevo parágrafos inteiros, corto frases ou parágrafos, acrescento coisas novas que me ocorreram no período de descanso [...]. Terminada a segunda versão, deixo descansar mais algum tempo [...]. Torno a datilografar tudo, num processo que se repete várias vezes.
>
> (VEIGA, *apud* STEEN, 1982, p. 82).

Também Nélida Piñon afirma que procede a muitas releituras, com consequentes reescrituras, em seus textos: "[...] ao terminar a primeira versão, procedo à segunda, à sétima, à décima. Repetindo quantas vezes foram necessárias. Dificilmente acredito na última palavra registrada" (PIÑON, *apud* STEEN, 1982, p. 214).

5 O momento da escrita

A questão do momento ou da situação adequados para a escrita se mostrou um tema recorrente dentre as várias preocupações dos escritores brasileiros cujos modos de escrita foram pesquisados. É bem verdade que para se produzir um texto são necessários dois contextos propícios: um espacial, ou seja, o local adequado para a escrita, e um temporal, o momento certo para a produção textual, o qual pode variar tanto cronologicamente quanto em termos de afazeres: se depois de uma leitura, após um relaxamento, um momento de introspecção.

Para Adélia Prado, "nem toda tragédia de programa sensacionalista de TV gera um poema: 'Opa, mais uma violência, vou escrever um poeminha'. Não é assim." (*Cadernos*, num. 9, 2000, p. 26). Mas existem certas circunstâncias que tocam ou surpreendem o escritor e neste momento acaba saindo um texto: "Vi uma notícia na televisão, a mãe gritando: 'Meu filho não se suicidou, como disse a polícia!' essas coisas atravessam você como uma espada, numa aflição tal que a gente quer dizer alguma coisa – e então vira poema". (*Cadernos*, num. 9, 2000, p. 26).

Em carta de junho de 1944 a Drummond, Cabral fala do estado – momento de escrita – em que ele se encontrava, denominando-o de "pré-romance":

> [...] esta vida assim sozinho nos deixa num estado perigoso para os amigos: um estado que eu imagino que seja pré-romance ou livro de diários. É grande minha força para evitar cair nesses maus gêneros e por isso tenho evitado até os poemas, por medo de não saber me evitar neles".
>
> (MELO NETO *apud* SÜSSEKIND, 2001, p 205).

Em outra correspondência, Cabral se desculpa com Drummond pela demora em responder à sua última carta. Tudo em razão de um momento considerado por ele como "antiepistolar":

> O que ando – depois que recebi sua carta – é antiepistolar. Tenho tido gripes, chateações, tédio. Estou certo que v. compreenderá tudo isso e, principalmente, este impedimento mais poderoso: a falta de jeito, de gosto para cartas, principalmente para o tipo de carta [...] que gostaria de fazer para você.
>
> (MELO NETO *apud* SÜSSEKIND, 2001, p 227).

Em suma, a questão do momento para a escrita também é um fator digno de nota e fundamental para a boa produção textual. Devem-se levar em conta os vários contextos do produtor de texto para não exigir deste um texto que será realizado em precárias condições e circunstâncias e que, devido a essas restrições, acabe sem sucesso.

6 As dificuldades da escrita

Ao contrário do que comumente se possa pensar, não é somente o indivíduo comum que se propõe a escrever um texto literário que está sujeito a se deparar com dificuldades e barreiras no momento da produção textual. Qualquer aspecto – escolha do tema, tipo de abordagem, estilo, intenção, voz narrativa, caso seja um texto em prosa – pode ser o suficiente para dificultar o processo de escrita. Grandes escritores brasileiros também se deparam com problemas na hora de escrever, sendo este um comportamento natural de todo indivíduo que escreve.

Para ilustrar a dificuldade que João Cabral julga ter no tratamento fonético da poesia, utilizamos um trecho de uma carta de Bandeira ao autor de *Morte e vida Severina* em que o primeiro aponta a existência de um erro cometido por distração quando remeteu a Cabral o poema "À maneira de Olegário Mariano": "Infelizmente, por uma distração minha, saiu um erro brabo (sic) no soneto do Olegário: '...pobre pássaro cansado" em vez de '...pobre pássaro sem dono", como exigia a rima. Falta de atenção quando copiei os versos". (BANDEIRA, *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 80). Da dificuldade de atenção de Manuel Bandeira, João Cabral se define como incapaz na fonética da poesia:

> Relativamente àquele engano, devo dizer que nos originais que v. me mandou consta "pássaro cansado". Estou certo disso, embora não os tenha aqui na mão, porque essa imagem me pareceu excelente. Tão excelente que só depois de sua carta me ocorreu pensar que, realmente, cansado não rimava com o primeiro verso. O que também me lembra a mim mesmo a minha absoluta incapacidade para o lado fonético da poesia.
>
> (MELO NETO, *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 87).

Em outro momento, é Bandeira quem aponta para as eventuais dificuldades da arte de escrever. Em carta a Cabral, fala das correções que deve fazer em seus originais e nas cartas que troca com o próprio Cabral, bem como com outros escritores, para serem publicados pela editora Aguillar: "Afinal o nosso espistolário, que parecia ter que ser magro e insignificante, vai figurar bem na prosa rala do 2º volume (porque a edição Aguillar sairá em dois volumes de 1.200 páginas cada. Que trabalho corrigir essa joça! Um grande abraço do Bandeira. (BANDEIRA, *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 155)."

Jorge Amado, diferentemente de João Cabral de Melo Neto, que confessa sua dificuldade ou "incapacidade para o lado fonético da poesia", chega a desistir de ser poeta para dedicar-se apenas à atividade de ficcionista: "Tentei a poesia, como tanta gente, mas logo me dei conta de minha incapacidade e fixei-me na prosa, na ficção, sobretudo." (AMADO, *apud* STEEN, 1982, p. 55).

Para Cyro dos Anjos, o ato da escrita também se afigura como algo um tanto trabalhoso, pois, segundo o autor, seu texto é retocado "inúmeras vezes, depois passo o manuscrito a uma datilógrafa. E, uma vez datilografado, o original ainda é submetido a revisões. Parturição penosa, como se vê" (ANJOS, *apud* STEEN, 1982, p. 15). Nota-se, nessa fala de Cyro dos Anjos, um trabalho acurado tanto com a escrita quanto com o processo de revisão de seus textos. Notam-se, ainda nessa fala, as dificuldades inerentes à escrita em tempos anteriores à proliferação dos computadores e dos programas *Word*, que representam uma verdadeira revolução no universo da escrita e que deixaram o trabalho de datilógrafos na obsolescência.

7 A Intenção (o ato de planejar)

Planejar o texto significa estabelecer determinados fins para sua escritura, ou seja, ao escrever, o autor tem a intenção de comunicar algo de alguma forma para alguém. Todas essas indefinidas prerrogativas estarão determinadas na intencionalidade do produtor do texto. Alguns escrevem com a intenção de revolucionar – "Pronominais" de Oswald de Andrade –, outros com o intuito de protestar – "Os sapos" de Manuel Bandeira –, outros com o escopo de denunciar mazelas sociais e, ainda, os que querem tão somente contar uma história.

Em entrevista, Raduan Nassar conta como surgiu seu romance *Lavoura arcaica*. A intenção era outra, mas certas contingências acabaram por determinar que a obra saísse de um determinado modo:

> Nos anos 60 eu andava entusiasmado com o behavorismo, por conta de um dos cursos de psicologia que eu fazia. Daí que tentava um romance numa linha bem objetiva. Só que em certo capítulo um dos personagens começou a falar em primeira pessoa, numa linguagem atropelada, meio delirante, e onde a família se insinuava como tema. Tudo isso implodia com o meu esqueminha de romance objetivo. [...] Quando deixei o jornal [...] retomei aqueles originais, mas logo acabei me debruçando em cima daquele capítulo em primeira pessoa, [...] e foi ali que começou a surgir o *Lavoura*.
>
> (NASSAR, *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 29).

Já a intenção de João Cabral de Melo Neto, ao escrever *Cão sem plumas*, é explicitada em carta endereçada a Manuel Bandeira: "Ando com muita preguiça e lentidão trabalhando

num poema sobre o nosso Capibaribe. A coisa é lenta porque estou tentando cortar com ela muitas amarras com minha passada literatura gagá e torre-de-marfim" (MELO NETO, *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 114).

Já ao escrever para Drummond sobre sua intenção de escrever algo "menos cubista" do que *Pedra do sono*, João Cabral afirma o seguinte: "Sinto que não é esta a poesia que eu gostaria de escrever; o que eu gostaria é de falar numa linguagem mais compreensível desse mundo de que os jornalistas nos dão notícias todos os dias, cujo barulho chega até nossa porta; uma coisa menos 'cubista'". (MELO NETO, *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 171).

Em carta a Mário de Andrade, Manuel Bandeira reflete sobre suas intenções ao escrever versos e artigos:

> Os meus poemas em certo sentido me satisfazem porque sempre os fiz para atender uma necessidade imperiosa de expressão [...]. A minha poesia pode não prestar mas tenho impressão que é sempre poesia. Já com os artigos não. Acho que artigo pede inteligência, pede cultura, pede reflexão.
>
> (BANDEIRA, *apud* MORAES, 2000, p. 448).

A respeito do ato de planejar a escrita, Clarice Lispector, em entrevista a Marina Colasanti e a Afonso Romano de Sant'Anna, afirma algo sobre a escrita de seu romance *A cidade sitiada* (1949) que pode ser ampliado a toda a sua produção: "Eu elaboro muito inconscientemente. Às vezes pensam que eu não estou fazendo nada. Estou sentada numa cadeira e fico. Nem eu mesma sei que estou fazendo alguma coisa. De repente vem uma frase..." (LISPECTOR, 2005, p. 150).

Como se pode constatar, não há receitas para se iniciar a escrita de um texto literário, seja um poema, um romance ou um conto, ao contrário: às vezes, o planejado não ocorre e aquilo que não havia sido sequer pensado acontece, o que acaba por plasmar um texto de certa forma inusitado. Nesse aspecto, é feliz a visão metafórica do livro, do constructo artístico como um tipo de filho de seu autor: assim como não se sabe como será a criança que nascerá, também muitos autores, ao iniciar seu texto, não têm noção exata de como ele será ao final do processo de escrita.

8 A escrita do outro

É comum na relação entre os escritores que se correspondem várias intervenções e apreciações críticas sobre os textos uns dos outros. Nesse sentido, o autor que está sendo criticado leva em consideração todas as observações do outro, pois julga ser alguém apto e habilitado o suficiente para fazer comentários a respeito do seu texto. É o caso, por exemplo,

de João Cabral ao ler os poemas de Bandeira. Suas impressões sobre a obra do outro estão evidentes na correspondência que envia ao amigo: "Recebi uma carta sua [...] com seus três últimos poemas. Achei-os excelentes, principalmente 'O bicho'. Não sei quantos poetas no mundo são capazes de tirar poesia de um 'fato' como você o faz" (MELO NETO, *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 60).

Em outro momento, é Manuel Bandeira quem emite seu veredicto ao poema *O cão sem plumas* de João Cabral:

> No seu *Cão sem plumas* você já se sentiu habilitado a fazer a técnica servir ao seu sentimento e não, como antes, pôr ao seu sentimento no aperfeiçoar a técnica. Neste poema, grande poema da verdade, só me produziu estranheza a concorrência de duas imagens tão dessemelhantes e até opostas em relação a rio: cão sem plumas e espada cortante. Gostaria que você me explicasse isso.
>
> (BANDEIRA, *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 126).

Relativamente à obra *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, Mário de Andrade escreveu a Bandeira a fim de congratulá-lo pela alma de sua poesia, ocasião em que afirmou o seguinte: "você teve a força de conseguir finalmente o que mais desejou na sua poesia [...] atingiu um depuramento que me pareceu impossível ser mais. Seu livro é alma e alma só. [...] jamais você foi tão exclusivamente você como no lirismo absoluto de *Libertinagem*. (ANDRADE, *apud* MORAES, 2000, p. 451).

Esses juízos críticos, emitidos por autores que são antes ficcionistas e poetas do que críticos literários, tanto dialogam quanto validam a obra do outro, apontando-lhe os pontos fortes e, eventualmente, alguns pontos fracos. Imbricados nesse processo de contato com o texto do outro, estão aspectos como leitura de literatura e da crítica literária, elaborada com base nessa mesma literatura, deixando entrever o fato de que os bons autores lêem literatura e sobre ela emitem suas opiniões.

9 Considerações finais

Que reflexões sobre a escrita podem ser tecidas depois de ter contato com as preocupações e cuidados mais comuns dos grandes escritores com relação ao ato de escrever? É verdade que tal ato não é um processo simples e exige atenção até mesmo daqueles que já estão canonizados, consagrados nessa atividade. É por isso que esse mesmo ato deve ser desmitificado para que todo indivíduo se ache capaz de escrever e não se condene ao silêncio da escrita por se achar incapaz de colocar no papel suas ideias.

Este trabalho pode demonstrar que as dúvidas a respeito de como, por que e quando escrever são comuns e, até mesmo, necessárias para finalizar com sucesso aquilo a que o indivíduo se propõe a escrever. O estudo demonstra também o papel formador do livro e da influência de leituras anteriores na construção de um escritor e de seus textos. Nesse sentido, julgamos que esta análise e as reflexões nela disseminadas possam dessacralizar alguns mitos em torno do ato de escrever e esclarecer o processo de escrita daqueles que já se destacaram nesta atividade (GARCEZ, 1998).

Para muitos autores, escrever é viver. Dyonélio Machado, em resposta a uma pergunta que lhe havia sido feita sobre se valera a pena ter assumido a vocação de escritor, afirma que "Ora, se valeu! Ela [a vocação de escritor] concorre para manter viva uma das tantas ilusões da mocidade: o culto da arte". E é assim que a escrita se processa: como a concretização de uma das ilusões da mocidade, e talvez por isso é que um escritor renasce a cada livro finalizado.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da poesia. In. *Obras de Carlos Drummond de Andrade – Obra poética*, vol. 2. Lisboa: Europa-América, 1989. p. 41.

BORNHEIM, Gerd. A propósito da história de uma vida: o livro. In. *Tempo Brasileiro*, n. 142. Rio de Janeiro, p. 37-44, set. 2000.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro*: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

FRREITAG, Barbara. Era informacional e uso do livro. *Tempo Brasileiro*, n.142. Rio de Janeiro, p. 103-116, set. 2000.

GARCEZ, Lucília. *O fio da meada* – as pesquisas sobre a escrita. In. A escrita e o outro. Brasília: EdUnB, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Outros escritos*. São Paulo: Rocco, 2005.

MORAES, Marco Antônio de. (Org.) *Correspondência – Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp; Instituto de Estudos Brasileiros IEB, 2000.

NASSAR, Raduan. *Cadernos de Literatura Brasileira*, num. 2: Raduan Nassar. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

PRADO, Adélia. *Cadernos de Literatura Brasileira*, num. 9: Adélia Prado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

STEEN, Edla van. *Viver & escrever*, vol. 2. Porto Alegre: L & PM; Brasília, INL, 1982.

SÜSSEKIND, Flora. (Org.) *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Casa Rui Barbosa, 2001.